

Miika na Vida Real



«Uma comovente história de crescimento pessoal que fala de racismo, adoção e autonomia sobre o próprio corpo.»

Marie Claire

EMIKO JEAN

AUTORA BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

Querida Penny,

Chovia no dia em que nasceste. No exterior da maternidade, o céu estava da cor da cinza líquida e havia um cartaz que dizia: OS NASCIMENTOS SÃO A NOSSA ESPECIALIDADE. Concentrei-me nele enquanto dava à luz, enquanto as enfermeiras e a médica berravam à minha volta. «Está quase», exclamou uma enfermeira.

Tremi e fiz força para baixo, só queria que aquilo acabasse. Um grito escapou-me da boca. Fiz força. A médica puxou. E lá estavas tu. Lá. Estavas. Tu. Erguida no ar sob um abrasador cone de luz.

Seguiu-se um silêncio terrível, um segundo agonizante que se estendeu até à eternidade. Como se estivesse a decidir como é que seria a tua entrada no mundo. Finalmente, soltaste um choro, tão agudo e penetrante que até a médica comentou. «Esta aqui já tem muito a dizer», disse ela. Secretamente, fiquei satisfeita com a fúria na tua voz. Isso era um bom preságio para ti, acreditei. Não serias facilmente silenciada.

A médica cortou o cordão, e eu estendi os braços para pegar em ti. Por alguns instantes, esqueci-me de que não podia ficar contigo por não seres minha. Ela pousou-te nos meus braços. Fiquei maravilhada com as tuas mãozinhas minúsculas, o teu cabelo preto, a tua boca em forma de arco, o teu nariz que parecia o de um touro quando as narinas se abriam. O meu corpo tinha um propósito, e eras tu. No espaço de uma única respiração, eu fiquei desfeita e reconstruí-me.

O que se seguiu foi uma imagem difusa: pontos, roupa de cama lavada e empanturrar-me até mais não. A Hana

estava lá. Tinha estado desde o início. Uma enfermeira tinha olhado para mim e para a Hana, para as nossas carinhas de 19 anos, para quão jovens éramos, e fez um estalido com a língua. «Bebés a terem bebés», dissera ela. Era fácil perceber o que ela queria dizer — raparigas idiotas, raparigas irresponsáveis, *aquelas raparigas*. Ela viu a Hana a tratar a ementa do serviço de quartos como se fosse a sua máquina de venda automática pessoal, viu-a a surripiar pratos em forma de rim, viu-a a encher os bolsos com pensos higiénicos. Mas não viu a Hana a ajudar-me a tomar banho, quando fiquei zozza ao tentar pôr-me em pé. Não me viu a chorar na casa de banho, a murmurar «desculpa» vezes e vezes sem conta enquanto a Hana descrevia círculos com o sabonete no meu corpo, me limpava debaixo dos braços e suavemente entre as pernas. E não viu a forma como a Hana respondia com um sorriso, como se não fosse nada de especial.

A Sra. Pearson, a agente de adoção responsável pelo meu caso, apareceu na altura em que o meu cabelo ainda estava a secar. Tirou alguma papelada da mala. Já estava pré-preenchida. Tudo o que eu tinha de fazer era assinar. Tocaram os sinos, ecoando pelo corredor do hospital. Uma canção chamada *Breath of Life* que tocava sempre que nascia um bebé. Quando peguei na caneta, a Hana apertou-me a mão. «Tens a certeza?», perguntou.

Tudo o que consegui fazer foi assentir com a cabeça. Respirar. Virando as páginas, rabisquei o meu nome. Ignorei os barulhinhos que fazias durante o sono. Ignorei a forma como o quarto todo cheirava a antisséptico. Prestei toda a minha atenção à seta cor-de-rosa fluorescente que

indicava onde a minha assinatura final deveria ficar. Em cima havia um aviso com letras em negrito. «**Após a cedência, a certidão de nascimento original será selada e será emitida uma nova**» — uma certidão com os nomes dos teus pais adotivos.

Assinei, apagando-me da tua vida. Estava feito.

Depois, abracei-te uma última vez. Desembrulhando a manta que te embrulhava, beijei cada um dos teus dez dedos, as tuas duas bochechas, o teu narizinho. Por fim, encostei a palma da minha mão ao teu peito. Estavas quente, e senti que me marcavas. «Tenho tanta pena», susurrei, desculpendo-me por aquilo que desejava, mas não podia manter. Abracei-te durante mais alguns instantes. Depois, larguei-te. Deixei a Sra. Pearson levar-te.

Não consegui ver. Em vez disso, baixei a cabeça e tentei agarrar-me à memória da primeira vez que te vi numa ecografia — com uma grande barriga, as mãos a abanar, o cordão umbilical a flutuar — uma pequena mergulhadora. Vi-me, então, como um daqueles bezerros que se movem em círculos nas águas rasas e estão sempre a ficar encalhados, falhando uma e outra vez. Eu não queria que tu nadasses em vão. Queria que encontrasses o alto-mar, que mergulhasses fundo, que a tua vida fosse uma linha única, reta, perfeita.

A porta fechou-se, e lembro-me do estalido silencioso, do som que eras tu a afastares-te de mim. Quando te foste embora, o quarto do hospital pareceu tremendamente vazio; pensei que morreria de solidão. Outra pessoa iria ver-te a dormir. Outra pessoa tocar-te-ia no peito e certificar-se-ia de que estavas a respirar. Chorei com um

abandono tão selvagem que a Hana pensou que eu tinha rasgado os pontos.

E foi isto. Isto é tudo. Todos estes momentos ainda vivem em mim. Tu ainda vives em mim. Metade das minhas respirações, um quarto de cada batida do coração, são tuas. Acho que é isso que acontece quando se tem filhos... eles levam um pedaço de nós.

Não pensei no futuro naquele dia. Não pensei nos Calvins, a tua nova mãe e o teu novo pai, no quão brancos eles eram. Quem é que te iria ensinar a seres um corpo amarelo na América? Não pensei no que te poderia dizer se viesses ter comigo e me perguntasses: «Porquê, quem és tu, quem sou eu?» Claro, sonhei que podia fazer parte da tua vida, mas da mesma forma que alguém pede um desejo a uma estrela-cadente ou compra bilhetes da lotaria. Nunca acreditei que isso pudesse realmente acontecer. E nunca acreditei que iríamos estar de volta ao mesmo hospital — tu com 16 anos, eu com 35 — ou que *tu* estarias na cama desta vez, e eu estaria a pedir-te desculpa novamente.

Desculpa, Penny. Estraguei tudo. Magoei-te.

Não posso prometer que nunca mais te vou magoar. A verdade é que não há muito que eu possa prometer-te. *Ainda assim, ainda assim.* O pouco que tenho é teu. Aconteça o que acontecer. Quer me perdoes quer não. Quero que saibas que vou estar sempre por perto. Como qualquer mãe ou pai, vou estar aqui, à espera de que a minha filha volte para casa.

Mika

Sete meses antes...

CAPÍTULO 1

*D*espedita.
Mika pestanejou.

— Peço desculpa... como assim? — perguntou a Greg, na caixa de sapatos que lhe servia de escritório. Na verdade, não era realmente um escritório. Era um cubículo recortado na grande sala das fotocopiadoras da Kennedy, Smith & McDougal Law. Mas Greg dominava o pequeno espaço como se fosse um gabinete de canto no trigésimo andar. Chegara até a decorá-lo: um bonsai no canto da secretária, uma espada de samurai barata, mal presa à parede. Greg era branco e um autoassumido nipófilo. Em mais do que uma ocasião, tentara conversar com Mika em japonês, e ela hesitara — ela era fluente, só não era fluente para ele. Pois bem, esse tipo.

Greg recostou-se na cadeira.

— Isto não deve ser uma surpresa para ti — disse ele, formando uma pirâmide com os dedos e colocando-os debaixo do queixo sem um único pelo. — Tenho a certeza de que já ouviste os rumores.

Mika anuiu com uma expressão vaga. Um sócio sénior, daqueles que atraem muitos clientes para a empresa, tinha saído recentemente para outra firma. As margens de lucro não estavam famosas. Ela abriu as mãos.

— Mas eu ganho vinte dólares à hora. — Uma ninharia em comparação com os outros empregados assalariados. Será que os mandachuvas

acreditavam que despedir uma administrativa iria fazer mozza nas suas preocupações financeiras?

Greg acenou com uma mão.

— Eu percebo — disse ele. — Mas tu sabes como são estas coisas, os últimos da hierarquia... — A sua voz desvaneceu-se.

— Por favor. — Ela detestava implorar, especialmente a Greg. — Eu preciso deste emprego. — Mika gostava da Kennedy, Smith & McDougal. O trabalho era fácil. O salário era bom. O suficiente para conseguir pagar a renda e as despesas fixas todos os meses, sobrando-lhe alguma coisa para ir ao supermercado fazer compras, a maioria das quais pertencia à variedade de queijos de pasta mole. Além disso, o prédio situava-se perto do museu. Ela ia lá no intervalo do almoço, e fazia a digestão enquanto olhava para quadros de Monet e passeava pela secção de antiguidades, descansando a alma. — Então e a Stephanie? — A Stephanie tinha sido contratada depois de Mika.

— A Stephanie tem mais experiência como assistente jurídica do que tu. A decisão resumiu-se a saber quem era um melhor ativo para a empresa. Olha, tenho a certeza de que vais encontrar outra coisa. Infelizmente, não te qualificas para o subsídio de desemprego, uma vez que estás aqui há menos de um ano, mas vou escrever-te uma bela carta de recomendação.

Greg começou a pôr-se de pé. Fim da discussão.

— Eu aceito um corte no salário — soltou bruscamente Mika. O seu olhar cravou-se no chão, mais ou menos onde estava o seu orgulho. Não estava a conseguir lidar com a situação. As lágrimas ameaçavam escorrer. Tinha 35 anos e era despedida de mais um emprego. Outra vez.

Greg abanou a cabeça.

— Sinto muito, Mika. Não vale a pena. Hoje é o teu último dia.



O ténue odor a pipocas bafientas. As velas para cura emocional em liquidação. O que é que tinha esta loja de especial que tanto atraía Mika

para o seu interior? Ficou na secção de produtos para o lar, a examinar uma almofada bordada com o ditado «O DINHEIRO PODE COMPRAR UMA CASA, MAS NÃO UM LAR». Ao telemóvel, Hana ria-se.

— Então, deixa-me ver se percebi bem. Ele convidou-te para sair enquanto estava a despedir-te?

— Logo a seguir — corrigiu Mika. Greg acompanhara-a até à secretária, ficara a vê-la a arrumar as suas coisas e depois tinha-lhe perguntado se ela gostaria de ver um filme mais tarde ou talvez ir ao Festival das Cerejeiras em Flor na universidade, no fim de semana seguinte. A humilhação irada foi profunda.

Hana soltou outra gargalhada.

A boca de Mika esboçou um sorriso.

— Por favor, não faças isso. Estou num lugar muito vulnerável neste momento.

— Estás num Target — salientou Hana.

Mika inclinou a cabeça, a contemplar a almofada. Fora desenhada por um casal que tinha ficado podre de rico fazendo casas novas parecerem velhas. Tinha tudo que ver com tábuas de madeira. A almofada podia ser dela por 29,99 dólares.

— Nunca pensei que pudesse ser despedida e assediada sexualmente no mesmo dia. É uma novidade.

Mika deixou a almofada para trás e dirigiu-se à secção de vinhos. A sua carteira estava mais leve, mas uma garrafa de vinho de cinco dólares era uma necessidade.

Hana emitiu um som de solidariedade.

— Podia ser pior. Lembras-te de quando foste despedida daquela loja de *donuts* por guardares *donuts* com xarope de ácer no congelador e comê-los entre uma encomenda e outra?

— Isso foi na faculdade.

Mika encaixou o telemóvel entre a orelha e o ombro. Tinha acabado de escolher o vinho, agora estava no corredor da comida, a encher o cesto com *crackers* de queijo. Era só classe.

— Ou daquele trabalho que tinhas como ama, por veres o *The Shining* com os miúdos?

— Eles disseram que queriam uma história de fantasmas — defendeu-se ela.

— Então e quando escreveste aquela *fanfiction* para adultos baseada no filme *O Predador*, e depois deixaste a janela aberta no teu computador do trabalho?

A confusão estampou-se no rosto de Mika.

— Isso nunca aconteceu.

Hana riu-se outra vez. Mika esfregou a testa, sentindo-se como se tivesse caído de uma árvore aziaga, acertando em cada ramo ao longo da queda, e depois aterrando num fosso de cobras e ursos.

— O que é que eu vou fazer?

— Não sei. Mas estás em boa companhia. Descobri esta manhã que os Pearl Jam escolheram o Garrett para a digressão de verão. — Hana era intérprete de língua gestual para bandas, e Garrett, tendo vindo recentemente do circuito de *rock* alternativo cristão, tinha invadido o território de Hana. — Vou provavelmente ter de fazer um monte de espetáculos dos Earth, Wind & Fire agora. Cabrão do Garrett. Vem para casa. Vamos comer e beber para chorarmos as nossas mágoas juntas.

— Combinado.

Mika desligou e atirou o telemóvel para dentro da mala. Passou um minuto. Mika vagueou pela loja. O telemóvel tocou. Podia ser Hana outra vez. Ou a mãe, Hiromi, que já tinha deixado uma mensagem naquela manhã. *Passei pela igreja e conheci o novo membro da congregação. Chama-se Hayato e trabalha na Nike. Dei-lhe o teu número.* O telemóvel tocou outra vez. Às vezes, Hiromi ligava duas, três vezes seguidas, induzindo o pânico. Da última vez, Mika atendeu sem fôlego, já a pegar nas chaves, pronta para ir para o hospital. «O que é que se passa?»

Hiromi respondera: «Nada. Porque é que pareces estar sem fôlego? Queria dizer-te que o Fred Meyer está com o frango em promoção...»

Mika ouvira, o mau feitio a crescer. «Não podes ligar tantas vezes. Pensei que tinha acontecido alguma coisa», dissera.

Ao que Hiromi zombara: «Lamento não estar mais morta para ti.» O telemóvel continuou a tocar. Mika tirou-o da mala e olhou para o ecrã. Um número privado.

Curiosa, deslizou o dedo para atender.

— Estou? — disse ela, com as sobrancelhas franzidas a unirem-se. *Merda*, pensou tarde demais. Podia ser o novo membro da congregação, o tal Hayato. Rapidamente, percorreu possíveis desculpas. *O meu telemóvel está a morrer*. *Eu estou a morrer*.

— Oh, uau! Atendeu! Não tinha a certeza se ia atender! — disse uma voz jovem e muito animada. A ligação ficou abafada, como se uma mão tivesse sido colocada sobre o altifalante do telefone. — Ela atendeu. O que é que eu faço? — disse a voz a alguém ao fundo.

— Estou? — disse Mika mais alto.

— Desculpe, a minha amiga Sophie está aqui. Sabe, para dar apoio moral? Estou a falar com a Mika Suzuki?

— É a própria. — Mika pousou o cesto aos pés dela. — Quem fala?

— Chamo-me Penny. Penelope Calvin. Acho que sou sua filha.



Mika conseguiu segurar o telemóvel mesmo quando os seus membros perderam totalmente as forças. Mesmo quando o sangue começou a galopar-lhe nas veias e a visão ficou turva e depois afunilou. Mesmo quando voltou atrás no tempo, de regresso ao hospital, de regresso a Penny recém-nascida. O dia veio-lhe à memória em lampejos dilacerantes. Mika a aconchegar Penny na curvatura do seu braço. A beijar-lhe a testa. A afastar-lhe o cabelo para lhe pôr um fino gorro às riscas azuis na cabeça. Tudo tão insuportável e belo.

— Ainda aí está? — perguntou Penny. — Estou a falar com a Mika Suzuki certa? Eu paguei uma daquelas coisas de pesquisa online. Usei o cartão de crédito do meu pai para um teste grátis. Ele vai matar-me se descobrir! Mas, sem stress, vou cancelar antes de cobrarem.

Seguiu-se o silêncio. Penny estava à espera de que Mika dissesse alguma coisa. Ela fechou os olhos e abriu-os.

— Isso foi muito inteligente — murmurou ela, a tremer. Sentar-se. Precisava de se sentar. Mika cambaleou para trás até dar com uma

cadeira de plástico para exterior, agarrando-se ao apoio de braços para recuperar o equilíbrio, com os nós dos dedos a ficarem brancos. Como é que ela tinha ido parar à secção de jardim?

— Eu sei, não é? O meu pai diz sempre: «Se ao menos usasses os teus poderes para o bem!» — Penny baixou a voz uma oitava, fazendo-se passar pelo pai dela. Mika quase sorriu. Quase. — Então, estou a falar com a Mika Suzuki certa? Não há muitas no Oregon. As outras únicas duas candidatas eram mais velhas. Quero dizer, acho que elas podem ser a minha mãe biológica. Havia, tipo, aquela senhora que deu à luz gémeos aos 50 anos? Mas eu tinha quase a certeza de que era a senhora... Ainda aí está?

Mika estava a transpirar, sentindo o telemóvel escorregadio ao ouvido. Inspirava e expirava. Para dentro e para fora.

— Estou aqui.

— E é a Mika Suzuki? Deu um bebé para adoção há dezasseis anos? Sentiu as têmeoras a latejar.

— Sou, sim. Dei, sim — disse Mika, com a garganta seca. Secretamente, tinha sonhado com este momento. O dia em que poderia ouvir a voz da filha. *Falar com ela*. Às vezes, a fantasia beirava o delírio. Ao longo dos anos, pensou que tinha visto Penny algumas vezes. O que era ridículo. Sabia que Penny vivia no Midwest. Mas quando via uma menina de cabelo preto e franja muito direita, o corpo de Mika inflava com a certeza. Sentia um puxão invisível. *É a minha menina*, pensava, desiludindo-se depois quando a menina se virava e o nariz não era o certo, ou os olhos eram verdes, não de um castanho profundo. Não era Penny. *Era uma impostora*.

Mika afrouxou o aperto ao braço da cadeira de jardim, as pernas a tremer ao tentar pôr-se de pé. Começou a vaguear pelos corredores. Precisava de se mexer. Isso ajudava-a a manter-se focada, a manter-se no presente. Ajudava a exorcizar a tempestade de emoções que se formara.

— Isto é fantástico! — guinchou Penny.

— Não acredito que me encontraste — disse Mika, ainda totalmente atordoada. Passou por um expositor com pastilhas de magnésio dentro de frascos roxos.

— Não foi difícil. O seu nome é súper único e fixe. Quem me dera ter um nome japonês — suspirou Penny com melancolia.

— Oh. — Mika franziu o sobrolho, sem saber o que dizer. Ela tinha escolhido o nome Penny. Tinha feito um grande alarido por causa disso, tinha insistido para que isso fizesse parte do acordo legal. *Podem ficar com a minha filha, mas não podem ficar com o nome dela*. Embora a Sra. Pearson se tivesse esforçado por fazer a adoção parecer menos transaccional, certas partes não podiam ser evitadas. Houve advogados. Negociações. Papelada rigorosa que tendia ligeiramente a favor da família adotiva. Mas o nome... o nome era de Mika. Inicialmente, tinha considerado Holly, uma planta que floresce no inverno. No Japão, era tradição os pais escolherem o nome com base nas suas esperanças para a criança. O nome Mika em *kanji* traduzia-se por «bela fragrância». Isso dizia muito a Mika sobre o valor que tinha para a sua mãe. Era como um acessório. Como algo destinado a atrair. Mika não quisera isso para a sua filha. Então, finalmente, decidira-se por Penelope, que significa «fiandeira» na *Odisseia* de Homero. Era um nome forte, resiliente e aspiracional; encaixava na vida que Mika queria para a sua filha. A pessoa que ela pensava que podia vir a ser. A família a que poderia pertencer.

Mika também esperava que um nome mais americano pudesse facilitar a vida a Penny. Mika tinha anos de erros de pronúncia e de ortografia às costas. Tinham-lhe chamado Mickey um número infundável de vezes. Ela queria que Penny se enturmasse. Mas não parecia ser a altura certa para dizer tudo isto. Em vez disso, disse:

— Lamento o que aconteceu à tua mãe.

Quando a Sra. Pearson informara Mika, cinco anos antes, de que Caroline Calvin tinha cancro e estava a morrer, ela implorou para ser posta em contacto com Penny, jurou que podia sentir a dor da filha a pressionar-lhe a pele como um ferro em brasa.

«Ela precisa de mim», dissera Mika.

«Vou tentar», respondera a Sra. Pearson, a agente de adoção. Mas depois, Thomas Calvin negou o pedido. «Lamento, Mika», disse a Sra. Pearson, «a Caroline não tem muito tempo. Cancro. Estádio quatro.

Muito de repente. Ele quer que sejam só eles os três nestes últimos dias».

— Sim. — A voz de Penny esbateu-se. — Passámos um mau bocado. Acabámos de assinalar o quinto aniversário. Não acredito que já passou tanto tempo.

O silêncio voltou a abater-se na chamada. Mika continuou a andar. Sem destino conhecido. Tinha o corpo todo em alvoroço. Passou pelo corredor dos testes de gravidez. Há quase dezassete anos, andara à cata de trocos no carro de Hana para encontrar dinheiro suficiente para comprar um teste na loja de um dólar, depois urinara para cima do teste na casa de banho de um supermercado próximo. Ainda mal se tinha limpado quando as duas linhas cor-de-rosa apareceram, quando o mundo dela se desmoronou.

Mika percebeu que tinha ficado em silêncio por muito tempo.

— Ela escrevia-me cartas, a tua mãe, e enviava-me pacotes com fotografias tuas, desenhos que tinhas feito. Ela tinha uma caligrafia bonita — saiu-lhe atabalhoadamente.

Mika não sabia muito sobre o casal que tinha adotado Penny. Escolhera-os de entre dezenas de perfis de famílias em álbuns de recortes. Ganhou o hábito de olhar fixamente para as fotografias dos futuros pais de Penny. Para Thomas, um advogado especializado em direitos de autor, fotografado na faculdade, com a sua equipa de remo. Focara-se nas mãos dele à volta dos remos, na covinha formada pelas rugas entre os seus olhos verdes. *Ele é forte*, lembrava-se Mika de ter pensado. Ele defenderia Penny. Depois, olhava para Caroline, também na faculdade, a sua camisola com letras gregas, o seu sorriso largo. Era fácil imaginá-la a sorrir da mesma maneira para Penny, a dizer-lhe coisas maravilhosas, como *Estou orgulhosa de ti. Estou tão feliz por seres minha. Atravessaria o escuro às cegas por ti.*

— Ela tinha mesmo uma letra bonita. Era perfeita — disse Penny carinhosamente. Isso não surpreendeu Mika. Caroline parecia perfeita em todos os aspetos da sua vida. — A minha é tão desleixada. Sempre me perguntei se isso era algo genético.

Mika não pensava que fosse. Mas ansiava por uma ligação a Penny, alguma forma de as unir.

— A minha caligrafia também é terrível.

— Ai, é? — Uma nota de esperança na voz de Penny.

Mika abrandou. Acalmou-se um pouco.

— Gosto de pensar nela como a minha própria fonte. Podia chamar-se «café e *donuts* a mais».

Penny riu-se. Era um som agradável, encorpado e sincero. *A sua filha.*

— Ou «Arruma essa tua confusão».

Finalmente, Mika fez uma pausa no corredor dos detergentes. Não havia lá ninguém. Recostou-se, inalou o cheiro a roupa lavada. Acreditara que, com o tempo, a memória de Penny, daquilo que acontecera antes, poderia desvanecer-se, mas só ficou mais nítido em contraste com as memórias desfocadas, menos importantes, do seu passado recente. Terminar a faculdade, o seu primeiro emprego remunerado, até mesmo parte da gravidez... o relógio imparável alisara todas essas arestas ásperas. Mas Penny, a bebé, *a bebé de Mika*, tinha perdurado, uma mão moldada em betão. Desejava ter sabido na altura aquilo que sabia agora. Que todos os dias iria acordar e pensar em Penny. Na idade que teria. No que poderia trazer vestido. Para quem poderia estar a sorrir. Que o seu amor se agarraria com unhas e dentes, incapaz de capitular.

— A senhora está bem? — disse uma mãe com dois filhos que entrara no corredor.

Mika endireitou-se num pulo.

— Perfeitamente. Está tudo bem.

Uma das crianças tinha chocolate pela cara toda. Lambeu um círculo lento à volta dos lábios. A mãe esperou até Mika começar a andar antes de ela própria se deslocar.

— Está mais alguém aí consigo? — perguntou Penny.

— Não. Estou a fazer compras. Estou num Target — disse Mika sem se dar tempo para pensar. Quis esmurrar-se na cara. Com força. O que iria pensar Penny? Uma mulher adulta num Target, numa

quarta-feira à tarde. Será que ela estaria a perguntar-se porque é que Mika não estava no emprego?

Penny praguejou.

— Desculpe. Devia ter perguntado se era boa altura para falarmos. É melhor eu desligar.

Mika não gostou do som daquelas palavras. A ameaça de este pequeno fio ténue ser cortado novamente. Será que Penny também o sentiu? Este fluxo de êxtase, como se fosse energia a passar entre elas.

— Não. Está tudo bem.

— Eu tenho de ir, de qualquer maneira. O meu pai está quase a chegar a casa.

Não. Continua a falar. Até te ouvia a leres o Guerra e Paz.

Mika abafou a súbita vontade de chorar.

— Claro que sim. Foi bom falar contigo. — Mika saiu da loja. O céu estava cinzento; era primavera em Portland. Dois corvos bicavam no lixo no parque de estacionamento. Mika pestanejou e, no interior das pálpebras, viu outro conjunto de corvos. Há muito tempo, a lutarem por uma embalagem de melancia deitada ao lixo. Tratou de afastar a memória. — Se alguma vez precisares de alguma coisa... Se eu alguma vez puder fazer alguma coisa...

— Na verdade... — Penny exalou bem alto. — Eu gostaria de continuar a falar. Gostava de lhe ligar outra vez. Talvez até por *Skype*? Seria bom vermo-nos cara a cara.

— Oh — disse Mika, demasiado atordoada para respirar, demasiado abalada pela incredulidade. Penny queria-a. Penny queria-a *a ela*. E Mika foi trespassada por um desejo tão agudo que temia que se pudesse desfazer. Então, falou por impulso, por desejo furioso, e respondeu:

— Sim, é claro que sim. Ia gostar muito.

CAPÍTULO 2

Mika foi para casa num estado de fuga dissociativa. Não se lembrava de ter enfiado a chave na ignição, ligado o carro, saído do estacionamento, não se lembrava dos postes de iluminação pública, dos piscas, das ruas em que virara, nem de ter estacionado o carro junto ao passeio. Assim que estacionou, permaneceu sentada no banco do condutor, com o motor desligado. A chuva salpicava o para-brisas.

— Penny — sussurrou para o silêncio. Dizer o nome da filha parecia uma oração, quase um segredo, um sino a tocar, a chamá-la para casa, que são horas de jantar. — Penny, Penny, Penny — disse ela, vezes e vezes seguidas. A boca elevou-se-lhe nos cantos, formando um sorriso completo, quando saiu do carro.

Ervas daninhas e várias plantas espinhosas espreitavam por uma cerca branca lascada e com a tinta a descascar. O caminho de acesso à casa mal se via. Mika vivia numa pequena moradia. Uma das portadas da casa estava descaída, presa apenas por um único prego. *Monstruosidade* seria um termo generoso. Mika destrancou a porta e empurrou-a... só que... havia alguma coisa a bloqueá-la. Depois de muitos grunhidos, Mika cambaleou porta adentro, afastando caixas do seu caminho.

A irritação conseguiu manchar a alegria.

— Uau! Acordaste esta manhã e disseste: «É mesmo hoje que vou levar esta merda ainda mais longe e barricar-me até encontrarem o meu esqueleto daqui a vinte anos»? — Mika deu um abraço a Hana.

Hana manteve os olhos focados na televisão, com um bolo meio comido no colo.

— Tão estranho. Foi exatamente isso que disse a mim mesma. Estás atrasada. — Hana enfiou-lhe um bocado de bolo na boca. — Comecei sem ti. Também tenho estado para aqui a pensar. Acho que devíamos arranjar um cão e ensinar-lhe que «cagar» significa «Garrett». Tipo, em vez de dizermos «vai cagar», dizemos «vai ao Garrett». Depois, eu filmo e envio-lhe. — Ela levantou os olhos. — Onde está o vinho?

— Nada de cão. Nada de filme. Nada de enviar ao Garrett. E esqueci-me do vinho.

Mika contornou caixas por abrir e plantas mortas, depois atirou ao chão a pilha de revistas que estava em cima de uma cadeira para se sentar nela. Durante algum tempo, Hana conseguira controlar a sua compulsão para guardar tudo. Tinha comprado a casa com a namorada, Nicole. Tinham ficado contentes, enchendo-a com achados que arranjavam em vendas de garagem e feiras. Até tinham adotado um cachorrinho. Depois, Nicole traiu-a. Hana ficou com a casa. Nicole ficou com o *golden retriever* que era das duas. Mika, tendo acabado de romper a relação com Leif e estando com pouco dinheiro, ofereceu-se para ir viver com Hana. Juntas, afogaram os seus corações destroçados em vinho e comida cara e chegaram à conclusão de que a amizade delas era muito melhor do que aquilo que tinham tido com qualquer dos amantes anteriores. Elas compreendiam-se melhor uma à outra. Mika não se importava que Hana tratasse as compras online como se fosse o seu dever patriótico. Hana não dava importância ao péssimo historial laboral de Mika. Ninguém era perfeito. Abraçar os defeitos uma da outra tinha sido a base sobre a qual a amizade delas fora construída.

Por isso, Mika não ficou perturbada por ver Hana no sofá, a queixar-se de um colega de trabalho e a ver...

— *Monstro?* Estás mesmo a ver o *Monstro?* Um filme sobre assassinas em série lésbicas? — Mika encontrou o comando entre as latas de *Red Bull* e *Mountain Dew*. Desligou a televisão.

— Então?! — exclamou Hana.

— Há para aqui muita coisa para desempacotar. — Mika fez um gesto que englobou o caos generalizado: a tralha amealhada, os bolos semicomidos e o filme a dar no televisor. — E eu não tenho tempo. Tenho de te dizer uma coisa.

Hana sentou-se e pousou o bolo.

— Estou curiosa.

Havia um bocadinho de cobertura de bolo na camisola de *roller derby*¹ que lhe deixava a barriga à mostra.

— A Penny telefonou-me.

— Ah! — Hana ladrou uma gargalhada. Depois, quando viu a expressão no rosto de Mika, disse: — Cum caraças. Estás a falar a sério.

Mika só conseguia acenar com a cabeça. Sentia o estômago às voltas só de pensar nisso. *Ela tem cheiro de bebé acabado de nascer*, ronronara Hana no hospital enquanto segurava a recém-nascida Penny, esfregando a sua face na dela.

Hana recostou-se.

— Uau! Grande cena!

— Eu que o diga. — Mika abriu a boca, mas o seu telemóvel apitou: acabara de receber uma mensagem. *Seria Penny outra vez?*

— É ela? — Hana inclinou-se para a frente, lendo os pensamentos de Mika.

Mika olhou para baixo.

— Não, é a Charlie. — Leu a mensagem. — Está a pensar em oferecer ao Tuan um retrato em tamanho real feito de Lego. — Tuan era o marido de Charlie.

Hana revirou os olhos.

— Ignora-a. Como é que a Penny te encontrou?

¹ Jogo disputado por duas equipas, que patinam à volta de uma pista. [N. T.]

Hana pegou numa caixa de madeira que estava em cima da mesa de centro e abriu-a. Lá dentro, havia um pequeno saco de plástico cheio de erva e alguns papéis. Preparou-se para enrolar um charro entre os dedos longos.

Mika encolheu os ombros.

— É a Internet, explicou a Penny. Hoje em dia, consegues encontrar qualquer pessoa.

Mas, pensando melhor... como é que Penny a encontrara mesmo? Mika tinha escolhido uma adoção fechada: a sua identidade permaneceria secreta e, em troca disso, receberia atualizações anuais. Algo mais do que isso teria sido demasiado doloroso. Contentara-se com tão pouco, migalhas mesmo, porque sabia que, de outra forma, não se conseguiria manter afastada. Para ela, era indiferente se tinha sido Thomas Calvin a revelar a Penny o seu nome ou se a jovem tinha tropeçado na informação ao bisbilhotar nas coisas dos pais. O que importava era o aqui e agora. Que Penny tinha telefonado a Mika. Que Penny queria conhecer Mika.

— É verdade. — Hana lambeu o papel e selou o charro.

Melhor do que ninguém, a melhor amiga de Mika havia de saber como era fácil encontrar pessoas online. Há alguns anos, ela tinha encontrado a sua antiga professora da escola. A tal que tinha chamado à cor da sua pele «meia de leite». Hana era metade negra, um quarto vietnamita e um quarto branca: húngara e irlandesa. Assediou tanto a mulher que a fez abandonar as redes sociais.

Hana acendeu o charro, deu uma passa e ofereceu-o a Mika.

— Como é que ela é?

Mika segurou no charro entre os dedos e olhou para o teto. Havia uma racha que o atravessava e que se arrastava para baixo, dividindo a parede. Mika tinha quase a certeza de que aquilo significava que tinham problemas nas fundações.

— Não sei. A conversa foi curta. Ela é jovem, cheia de esperança, positiva. — *Uma força da natureza.* — Usou o cartão de crédito do pai para se inscrever num website que faz testes grátis para encontrar pessoas. — Mika dirigiu um sorriso maroto a Hana e levou o charro aos lábios. — Ela disse que ia cancelar o pagamento antes de o pai descobrir.

Mika passou o charro de novo a Hana.

— Faz-me lembrar como nós éramos. — Hana sorriu e deu uma passa. — Então — disse ela, exalando —, o que é que ela queria?

Mika mordiscou o lábio de baixo. A porta do seu quarto estava aberta. A cama estava uma confusão, o edredão empurrado até ao fundo. Não valia a pena fazer a cama se ia escorregar para o meio dos lençóis umas horas depois. No chão, estava a sua t-shirt preferida com um Gudetama, um desenho animado dos criadores da Hello Kitty. Aquilo que parecia ser uma bolha amarela disforme era um ovo preguiçoso.

— Ela quer conhecer-me. — As rodinhas de Mika começaram a girar. Avaliou rapidamente o seu ambiente, a sua vida, avaliou-se a si mesma e arrependeu-se de imediato.

O que poderia ela oferecer a Penny? O que é que tinha alcançado na vida? A sua vida amorosa era anémica. Alguns namorados, uma relação séria com Leif que acabou com as coisas dele queimadas num caixote de lixo. E a sua vida profissional era igualmente insubstancial. Uma série de empregos que não a deixaram sentir-se realizada. Todos eles posições facilmente substituíveis. Encarava-se a si própria como uma pedra a saltitar sobre a água turva. O tempo passava sem consequências, sem pensar, permanecendo na mesma, afastando-se cada vez mais da costa. Mas um seixo nunca chega ao outro lado. Acaba sempre por ir ao fundo. *Quando é que eu fui ao fundo?* O estômago de Mika afundou-se.

— Eu disse-lhe que podíamos voltar a falar, mas agora... não sei.

Sentiu-se tão inadequada como naquele dia no hospital.

— Desenvolve. — Hana apagou o charro.

Mika desviou o olhar da casa e concentrou-se no seu próprio colo. Quais eram os riscos de estabelecer uma ligação com Penny?

— Ela pode detestar-me. Eu posso detestá-la a ela — pensou Mika em voz alta. Embora não se conseguisse ver a odiar Penny. Penny podia matar alguém, e Mika levar-lhe-ia uma pá para enterrar o corpo. Ela iria dar sempre a Penny o benefício da dúvida. *Acreditar nela.* — Tenho a certeza de que ela tem perguntas. Montes de perguntas. Ela parece... persistente. Talvez queira saber mais sobre o seu pai biológico. E ela gostava de ter um nome japonês.

Hana inalou. Deslizou pelo sofá, aproximando-se de Mika.

— É claro que há de estar curiosa. Todos nós queremos saber de onde viemos. Mas ela não tem direito a essa informação até tu estares preparada.

Nos termos da lei, Mika havia assinado um formulário a atestar que não sabia nada sobre o pai biológico da sua bebé, como a sua idade ou a sua localização, ou o facto de ele ter um sinal de nascença com a forma do estado do Maine no peito.

— E se ela estiver zangada comigo? — perguntou Mika num fio de voz.

Hana inalou.

— Posso dar-te um conselho, mesmo sem teres pedido?

— Nunca te acanhaste.

— Quando a Nicole me enganou, a Charlie fez-me sentar e disse-me: «É preciso força para sair e força para ficar.» — Hana sacudiu cinza do joelho. — Tenho quase a certeza de que apanhou isso de um daqueles gurus de autoajuda.

Mika franziu o sobrolho.

— Não estou a perceber.

— O que eu quero dizer é que terias mostrado força se tivesses ficado com a Penny, mas também mostraste força ao abrires mão dela. E se a Penny for tão inteligente como parece ser, não se vai importar com o que fizeste; vai importar-se com quem és.

— E quem sou eu? — perguntou Mika em tom de desafio. Pensou no seu currículo pouco impressionante. Entusiasta do desemprego. Fumadora de erva. Mãe biológica.

Hana começou a elencar com os dedos.

— Primeiro, és leal. Em segundo lugar, és solidária. Em terceiro lugar, tens um coração de ouro. Em quarto lugar, és uma artista incrível que sabe todo o tipo de coisas sobre arte, especialmente coisas realmente desinteressantes, tipo quais as cavernas que têm pinturas de pilas de homens das cavernas. Em quinto lugar...

— Já chega. — Mika levantou as mãos, interrompendo Hana. — Não estou exatamente preparada para isto emocionalmente. — Hana

sabia a confusão que aquilo podia gerar. Todos os anos, por volta do aniversário de Penny, chegava um embrulho. Mika lia a carta de Caroline ou de Thomas, olhava para as fotografias de Penny com a família feliz, esfregava os polegares nos desenhos de Penny e depois espalhava tudo à sua volta num abraço sufocante. Mika passava o dia todo na cama. Hana também. Punha-se atrás de Mika, sem dizer uma palavra, e enrolava os braços à sua volta num casulo de luto. Choravam juntas. Mika por Penny. E Hana por Mika.

— Alguma vez se está preparado? Esse é o objetivo das emoções. Quanto menos se espera delas, mais intensas são. Essa é a beleza dos sentimentos.

— Isso é parvo. — Mika encostou a cabeça à cadeira. Toda a situação era esmagadora em todos os sentidos. Mas Hana estava lá. Tinha sempre estado lá. — Adoro-te, miúda — disse ela à sua melhor amiga. Essas duas palavras tinham sido o mantra de ambas desde que se conheceram quando eram caloiras na mesma escola secundária alternativa, o tipo de lugar para onde mandam os alunos quando não esperam muito deles. Assim que Mika vira Hana, percebera que eram almas gémeas. As duas eram ramos rebeldes que haviam rebentado nas suas árvores genealógicas.

— Também te adoro, miúda.

Mika apalpou a almofada à procura do telemóvel. Mesmo antes de desligar, Penny dera-lhe o seu número. Agora, enviou-lhe uma mensagem. **Entusiasmada com a ideia da videochamada. A que horas dá para ti?**

Pronto, estava feito. Afastou o telemóvel de si. Tamborilou com os dedos nas coxas. *Vai correr tudo bem.* Surgiu-lhe novamente um lampejo do hospital. Quando vira Penny pela primeira vez embalada nas mãos do médico. Sim, ia correr tudo bem. Porque é que não haveria de correr bem? Penny e Mika tinham sido uma história de amor desde o início.

Um telefonema inesperado pode mudar uma vida...

Aos 35 anos, longe de ter a vida que imaginou, Mika Suzuki encontra-se num péssimo momento quando recebe o telefonema de Penny, a filha que deu para adoção dezasseis anos antes. Desejosa de ser alguém de quem a filha se possa orgulhar, Mika decide embelezar a sua vida, mas aquilo que começa por ser uma mentira inocente transforma-se numa vida inteira inventada, obrigando-a a fingir ser quem não é quando Penny anuncia que quer conhecê-la pessoalmente.

Os pormenores da vida de Mika podem ser irreais, mas tudo o resto que partilha com a filha é verdade: os seus sonhos, as suas falhas e a herança cultural japonesa que Penny tanto deseja conhecer, para encontrar a sua própria identidade. Apesar de todos os seus arrependimentos, o convívio com a filha faz com que Mika se aperceba de que talvez não seja demasiado tarde para alcançar todos os sonhos de que se viu forçada a abdicar.

«Uma bela representação dos laços entre mãe e filha — aquilo que transmitimos, o que desejamos e o que ocultamos.»

Annabel Monaghan,
autora de
Nora Foge ao Guião

«Sem dúvida, um livro com potencial para ser um dos melhores do ano.»

Glamour

«Emiko Jean oferece-nos um vislumbre das nossas próprias relações — com as nossas mães, com as nossas filhas e connosco — à luz de um novo e refrescante olhar.»

Amazon Book Review

«Mika na Vida Real é o tipo de livro que vai fazer com que volte a apaixonar-se pela leitura.»

Shondaland



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238704



9 789896 238704 >